

MICROCEFALIA E SEUS DESAFIOS NOS ANOS INICIAIS: UM ESTUDO DE PRÁTICA DOCENTE

Marília Renata Gomes Nepomuceno¹

Taciana Fernandes Suzart²

Davi Libânia de Melo³

RESUMO: O referido artigo tem como objetivo investigar quais os desafios enfrentados para a inclusão da criança com microcefalia nos anos iniciais do Ensino Fundamental do município de Escada-PE. Sendo assim, o trabalho investigou que uma gestão organizada e profissionais habilitados é comprovada no resultado da inclusão e permanência do aluno microcefálico no ambiente escolar, tendo em vista que as contribuições são positivas tanto em termos internos como externos. Objetivou-se identificar como a falta de uma gestão escolar comprometida na inclusão da criança e desqualificação para o atendimento a alunos com microcefalia tem afetado o propósito da instituição. O resultado da pesquisa foi confirmado de acordo com a hipótese uma vez que os entrevistados concordam que a falta de desempenho das gestões encarregadas como também a falta de uma formação para lidar com alunos microcefálicos interfere na prática da inclusão da criança nos anos iniciais trazendo resultados significativos para essa problemática. Este artigo fundamenta-se em (Blanco, 2002, p.31) onde destaca que a temática da inclusão deve ser valorizada pelo corpo docente. A abordagem da pesquisa é qualitativa realizada em duas escolas de campo sendo as duas da rede pública nomeada (EM) do município de Escada, localizada na Área Urbana do estado de Pernambuco. Tendo como sujeitos da pesquisa dois professores chamados P1 e P2 e um coordenador chamado de CP1.

2074

Palavras-chaves: Microcefalia. Formação continuada. Anos iniciais. Inclusão.

ABSTRACT: This article aims to investigate the challenges faced in the inclusion of children with microcephaly in the initial years of Elementary School in the municipality of Escada-PE. Therefore, the work investigated that organized management and qualified professionals are proven in the result of the inclusion and permanence of microcephalic students in the school environment, considering that the contributions are positive both internally and externally. The objective was to identify how the lack of school management committed to the inclusion of children and disqualification for serving students with microcephaly has affected the purpose of the institution. The research result was confirmed in accordance with the hypothesis since the interviewees agreed that the lack of performance of the management in charge as well as the lack of training to deal with microcephalic students interferes with the practice of including children in the early years, bringing significant results. for this problem. This article is based on (Blanco, 2002, p.31) which highlights that the theme of inclusion must be valued by the teaching staff. The research approach is qualitative, carried out in two field schools in the named public network (EM) in the municipality of Escada, located in the Urban Area of the state of Pernambuco. Having as research subjects two teachers called P1 and P2 and a coordinator called C1.

Keywords: Microcephaly. Continuing training. Early years. Inclusion.

¹Graduando do Curso de Pedagogia da Faculdade da Escada -FAESC.

²Graduando do Curso de Pedagogia da Faculdade da Escada – FAESC.

³Doutor em Ciências da Educação - UFAL/2023.

INTRODUÇÃO

O presente artigo traz a temática “Microcefalia e seus desafios nos anos iniciais: Um estudo de prática docente”, tendo por finalidade investigar os desafios da ausência da gestão escolar na inclusão da criança e a falta de qualificação para o atendimento a alunos com microcefalia nos anos iniciais do Ensino Fundamental do município de Escada-PE. A busca pela equidade na educação depende de quem a administra e quem a prática. Desta forma:

Nota-se um avanço no que se refere ao reconhecimento da valorização da criança com deficiência, podemos ainda destacar que para pensar na educação inclusiva implicasse em repensar e considerar que a diversidade e o conhecimento devem andar juntos, na busca da valorização das características do aluno. (Mosqueira e Stobaus, 2004, p.19)

Nesse sentido, a gestão escolar necessita estar preparada em suas áreas emocionais e administrativas para receber esse aluno, estando constantemente a procura de um ambiente favorável para este indivíduo enfrentando os desafios da sociedade, assim como compete ao professor estar capacitado para trabalhar com a criança com microcefalia.

O recente caso da microcefalia confirmado em novembro de 2015, trouxe consigo um avanço na perspectiva da inclusão e acessibilidade no ambiente escolar além de um olhar voltado para a área educacional também se fala na promoção de ambientes de confiança, pois o oferecimento de uma educação de qualidade não depende somente de teorias, mas sim da prática. (Cunha, 2015, p.69).

2075

A busca pela inserção do aluno com microcefalia no processo educativo tornou-se um debate necessário no ambiente escolar, uma vez que o contato com a escola e professor se torna um dos principais agentes transformadores no desenvolvimento cerebral. Neste sentido, a gestão juntamente com o professor se põe no papel de reestruturadores da aprendizagem onde irão compreender quais métodos e recursos utilizarem nas situações em sua prática pedagógica, para isso a gestão deve criar parcerias sociais além de participar ativamente da construção da criança garantindo a acessibilidade, como também, o profissional da educação necessita ser qualificado para a atuação na Educação Especial.

Diante do exposto surge a seguinte questão: **Quais os desafios enfrentados para a inclusão da criança com microcefalia nos anos iniciais do Ensino Fundamental?**

Tendo por hipótese: Os desafios encontrados na microcefalia nos anos iniciais possivelmente partem dos fatores observados no ambiente escolar pela falta de

infraestrutura e ausência de formação continuada dos professores na área da educação inclusiva.

Ressalta-se o objetivo geral: Investigar quais os desafios enfrentados para a inclusão da criança com microcefalia nos anos iniciais do Ensino Fundamental do município de Escada-PE, para elencar destaca-se os objetivos específicos: Identificar os desafios encontrados para a inclusão da criança microcefálica nos anos iniciais do Ensino Fundamental; Analisar se existe formação continuada para o professor nos anos iniciais a respeito da educação especial e inclusiva

O interesse dessa pesquisa surgiu através da observação no ambiente escolar para com os alunos microcefálicos, surgindo o interesse pela temática e como seria a melhor maneira de criar métodos que possam oportunizar a inclusão da criança com microcefalia no ambiente educativo, contudo analisa-se as dificuldades nesse processo pela falta de uma gestão escolar compromissada com o aluno, também na falta de capacitações e descaso da busca de informações para lidar com o novo na área de trabalho.

Entretanto observa-se que ainda existem obstáculos que impedem que a inclusão aconteça no ambiente escolar e dessa forma termina existindo a execução na educação inclusiva nas salas de aula no ensino regular, além da falta de uma gestão escolar eficaz como também a falta de um preparo aprofundado sobre as novas anomalias.

2076

REFERENCIAL TEÓRICO

Breve histórico da Microcefalia

Em meados de novembro de 2015, foram registrados pelo Ministério Público os primeiros casos de alterações cerebrais em recém-nascidos que após muitos testes e estudos se chegou à constatação de uma nova anomalia nomeada de microcefalia resultante de uma infecção acometida pelo vírus zika que ocasionou no nascimento de bebês com problemas neuropsicomotor que o acompanharia por toda uma vida. A microcefalia foi diagnosticada no feto de uma jovem do Rio Grande do Norte que após uma necropsia se observou danos cerebrais no bebê onde o seu crânio era menor que o esperado de 34 cm. Esse surto resultou em uma nova pauta que mais tarde se tornaria parte do movimento educacional, apesar de encontrarem a causa do problema ainda se questionava no que fazer para inserir e diminuir as diferenças que essa criança sofreria na sociedade. “Microcefalia pode apresentar-se como

uma anomalia única ou em associação com outros problemas de saúde e pode ser causado pela herança de um gene autossômico recessivo ou raramente um gene autossômico dominante". (Berodt, 2013, p.2)

Entretanto, não se dava uma devida atenção para as causas envolvendo a saúde no Brasil, embora existisse ao redor do mundo centros de vigilância de anomalias congênitas o Brasil ainda se encontrava desprevenido de tal precaução, apenas com o surto de 2015 que se fez pauta a necessidade de um modelo de anomalias congênitas, resultando no dia 3 de março em vivência ao Dia Mundial das Anomalias Congênitas. A partir desta situação houve movimentos em prol da causa que afetou inúmeras famílias fazendo com que a OMS declarasse estado de emergência em saúde pública no país, essa época foi marcada pela preocupação e angústias de mães apavoradas pela vulnerabilidade que se encontrava seus filhos, o Vírus Zika se tornou um vilão para os cientistas, algo que causava uma febre aguda, manchas vermelhas e dores agora podia afetar a vida de alguém que ainda não conheceu o mundo. Apesar de não ter um tratamento assertivo a criança pode contar com uma equipe multidisciplinar que a ajudara com terapias.

O Zika Vírus se instalou aos poucos até ficar mundialmente conhecido apesar de já ter se manifestado no surto da ilha Yap em 2007, seus sintomas rapidamente se espalharam atingindo grande parte da comunidade carente escancarando a grande desigualdade que se encontrava o Brasil tanto na área da saúde como posteriormente da educação.

Tais acontecimentos vivenciados na saúde pública brasileira mostram de forma sucinta as lacunas que ainda precisam ser trabalhadas e melhoradas como a falta de igualdade a respeito dos direitos básicos como cidadão pois quem mais sofre é quem depende do governo para alcançar uma educação ou saúde de qualidade, pois o capitalismo não tem interesse no bem-estar do coletivo, mas sim do estar individual. (Silva, 2010, p.157).

Contexto histórico da Educação Inclusiva

A luta pelo direito de oportunidades perpassara gerações e permanece até os dias atuais, pensar que a inclusão já é algo garantido é algo extremamente equivocado visto que ainda se tem muito a conquistar quando se fala de inclusão, pois a cada década surge algo pelo qual se deve reivindicar e lutar para que se tenha acesso de qualidade na sociedade contemporânea. Pois, a comunidade em sua grande parte ainda não reconhece as diferenças sociais, esse pensamento é fruto da década de XIX onde a educação era apenas privilégio

daqueles que faziam parte da nobreza e não enxergavam quem estava distante deles vivendo assim em uma bolha (Amaral, 2019, p.24). A partir de então ressaltasse os benefícios que os movimentos citados a seguir trouxeram em prol a inclusão das crianças com necessidades particulares, a princípio a APAE um dos primeiros movimentos de pais para dar assistência nas suas necessidades.

Ademais, a Convenção de Guatemala (1999), como um dos mais marcantes movimentos históricos para a questão da inclusão de crianças na sociedade, esse evento trouxe consigo o debate a respeito da discriminação dos indivíduos com deficiência escancarando o preconceito que muitos tinham a respeito desse tema e expondo ao mesmo tempo a falta de compromisso que o governo e a comunidade tinham para com esses indivíduos, é impossível falar da Convenção de Guatemala sem citar o Decreto de número 3.956/2001 onde entra em concordância com o decreto quando diz que pessoas com deficiência seja física ou intelectual obtém os mesmos direitos que são fundamentais para o ser humano.

Destaca-se também a Declaração de Salamanca (1994), como um dos documentos que impulsionaram o direito que a criança tem de ser inserida na educação, agora não bastava apenas respeitar, mas sim ter o dever de dar condições para que ela de fato se sinta respeitada, pois como afirma (Blanco, 2002, p.31): A instituição tem que incluir, sustentar, acompanhar, apoiar, enriquecer e oferecer tudo o que esta pessoa necessita em sua singularidade para ter êxito no objetivo de integrar. Nesse sentido a escola juntamente com os demais órgãos tinham de atender e oferecer o acesso ao ensino de forma eficaz, pois a instituição deve cumprir com a sua obrigação de incluir a criança independente de suas singularidades.

2078

Assim diversas leis foram criadas com a intenção de ampliar e alavancar o processo de inclusão para essas crianças com deficiência como a LDB 9394/96 com o intuito de tornar comprovado aquilo que estava sendo reivindicado, embora ainda ocorra alguns problemas de cumprimento dessas leis é indispensável o apoio do cidadão para lutar a favor delas, para favorecer o tema da inclusão não basta apenas olhar para si, mas olhar ao redor e perceber as angústias.

Entende-se que incluir ainda é algo que acontece apenas no papel e que se deve ter um olhar maior para as causas que fazem esse processo ser tardio, pois inserir não é deixar alguém caminhar sozinho, inserir é estar presente para juntos trilhar esse caminho.

Os desafios da inclusão da criança com Microcefalia nos Anos Iniciais

Apesar da inclusão estar amparada pela Lei (LDB) n. 9.394\96 art. 7.6II, na qual enfatiza o atendimento especializado a microcefalia ainda enfrenta alguns obstáculos que a impedem de estar participando das aulas e do ambiente pedagógico como a falta de uma infraestrutura, além de um acompanhamento afetivo tanto com a criança como os familiares. Nesse sentido, destaca-se o papel da gestão pedagógica frente a inclusão da criança com microcefalia, pois como fala Paulo Freire o ato de educar não se associa em apenas deixar o aluno entrar, mas criar meios para que ele possa estar participando ativamente. A gestão escolar tem o papel de comandar e administrar o ambiente a favor do aluno, é prioridade dela ir em busca de recursos especializados, estrutura parceria e formação, é preciso muita insistência e amor por aquilo que faz, estar interessado em primeiro lugar no que seria melhor para o aluno, para que isso de fato aconteça a gestão precisa estar em sintonia com os professores, órgãos públicos e família sempre solicitando novos recursos para a sua escola, além de manter contato com a família da criança. Com isso Isambert-Jamati (1997) afirma que:

É aquele que domina suficiente a área na qual intervém para identificar todos os aspectos de uma situação nessa área e para revelar eventualmente as distinções dessa situação. Mas para ser competente deve também munido destes conhecimentos, pode decidir a maneira de intervir a fim de obter tal resultado com eficácia e economia de meios (Isambert-Jamati, 1997, p.104)

2079

No entanto, o que tem se observado são escolas onde a gestão não tem se mobilizado a respeito de criar possibilidades para que essa criança microcefálica esteja presente no ambiente escolar, isso tem acontecido pelo fato de muitas gestões estarem ocupando cargos que foram oferecidos apenas por interesse político e quando assumem não querem lutar pela causa que deveria ser sua prioridade. Além disso, o professor também se encontra no papel de contribuir para a formação e desenvolvimento do aluno, o professor necessita mostrar afeto para com aquele aluno mostrando aos outros colegas sobre respeito, amizade e compaixão tendo a responsabilidade de o avaliar em seus aspectos possíveis, para isso ele tem que estar qualificado para o trabalhar ao lado da instituição visando estratégias que possam abranger aquele aluno com deficiência visto que possuem certos impedimentos de natureza física ou intelectual (Brasil, 2007, art. 1).

Essa experiência fará com que ela experimente os direitos básicos da vida que é conviver, sentir, participar da forma que ela puder. Em contrapartida observamos muitos

professores contratados sem o mínimo de experiência ou formação completa que são postos para trabalhar com essas crianças, essa falta de senso prejudica não só o aluno como também o professor, a família e o ambiente pedagógico, na maioria dos casos o professor da sala além de não saber lidar com a situação se encontra sozinho sem o apoio da gestão para o ajudar ou auxiliar nessa jornada.

Logo, (Villachan-Lyra e Almeida, 2019, no prelo) indaga que “A atitude de acolhimento e suporte é essencial, bem como a certeza de que se pode fazer diferença na vida dessas crianças e suas famílias”. Incluir vai além de abrir as portas para a entrada de alunos atípicos, mas de abri-las e criar passagens que possam o confortar mediante a situação que se encontram. Dito isso, se faz essencial que a equipe pedagógica esteja em sintonia para dinamizar as fragilidades que existem no meio em que vivem, contribuindo não somente na vida do aluno como de todo um sistema. (Barbosa, 2017, p.167).

A Formação Continuada para a Educação Inclusiva

Com o avanço da sociedade se fez notório que a busca por mais conhecimento se tornaria um benefício não somente para quem a absorve, mas também para quem a recebe. Diante isto, observou-se os benefícios e a necessidade da implementação de cursos de formação continuada no ambiente pedagógico, agora não basta apenas concluir uma graduação, mas buscar para si novas qualificações que o tornarão aptos para o mercado de trabalho. Desta forma, Collares; Moises; Geraldi (1999, p.211) afirma que sem respaldo formativo o educador está-se condenado a eterna repetição, recomeçando sempre do mesmo marco inicial. O educador além de ensinar agora precisa buscar informações para lidar com as novas propostas que surgem no contexto escolar, pois a escola é uma das instituições mais importantes na vida do cidadão onde ele vive em um espaço que é o reflexo da sociedade e lá ele aprende a ter autonomia sobre ela.

Sendo assim, a formação continuada traz vantagens na prática pedagógica que será aplicada naquela sala de aula, ela abre os horizontes para que o professor pense em melhores formas de alcançar aquele aluno se referindo ao caso da microcefalia o profissional da educação que valoriza a qualificação saberá que para dá uma educação de qualidade aos alunos microcefálicos se necessita estar avaliando o aluno, afetando a sua área emocional de forma positiva, como também, analisando sua área motora, fazendo isso ela estará dando

condições para que ele permaneça e se torne parte do ambiente pedagógico (Cunha, 2015, p.69).

Ademais, tem-se a gestão escolar também no papel de incluir, ela não está atrelada somente para o professor que apesar de estar mais próximo do aluno a gestão fica com a missão de batalhar para a chegada de novos recursos, de uma boa comunicação com a família fazendo essa ponte entre ela e o professor, providenciando palestras de conscientização e oportunizando um ambiente seguro e afetivo para o aluno microcefálico, além de qualificar seus funcionários estabelecendo também a parceria com o professor regente, essa equipe pedagógica faz o possível para diminuir os problemas existentes na escola (Barbosa, 2017, p.169).

A Educação Inclusiva carrega consigo a prioridade de reparar um erro cometido por muitos anos com a segregação de alunos separados da sociedade, ela entende a pluralidade das que se encontra as diversas escolas brasileiras, é essencial conhecê-la e se aprofundar em suas causas, ela é um direito que se reafirma a cada vez que um aluno adentra a escola (Brasil, 1996).

No entanto, o que se observa dessa realidade a qual vivemos são redes de ensino em descaso quando se fala de estratégias e recursos para a permanência do aluno microcefálico, geralmente não estão empenhados quando a criança atípica precisa de ajuda física e acabam tornando a permanência desse aluno quase que impossível na escola. Os professores completamente à mercê da sorte sem apoio da gestão uma vez que não estão preocupados se o professor tem qualificação para tal trabalho, além de famílias conformadas com essa falta de comunicação aceitando a falta de inclusão pelo fato de estarem desgastados. Tal situação traz uma reflexão a respeito do que está de fato sendo garantido para esses alunos em algumas instituições de ensino.

2081

METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo, pois permite compreender e argumentar o tema exposto que gerou diversas contribuições ao avanço do saber da dinâmica do processo inclusivo e a sua construção como um todo. A presente pesquisa despertou o interesse de compreender quais os desafios para a inclusão da criança microcefálica nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Neste sentido, a pesquisa defendida por (Bogdan e Biklen, 2013, p.4) pontua que:

A investigação qualitativa é descritiva. Os dados são em forma de palavras ou imagens e não números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorando e outros registros.

Assim, a pesquisa qualitativa aponta um lapso na inclusão da criança microcefálica, compreendendo as contribuições de uma boa gestão e qualificação para o desenvolvimento do aluno, constatando quais foram as dificuldades encontradas no processo de inclusão da criança com microcefalia.

Essa pesquisa foi realizada em duas escolas de campo, as mesmas são da rede pública municipal de ensino básico localizadas na área urbana do município da Escada. A primeira escola pública composta pelo corpo docente são 34 professores, 2 professores de apoio, 2 cozinheiras e 4 porteiros. 13 salas de aula, 1 sala para gestão e coordenação, 1 sala para os professores, 03 banheiros, 1 cozinha, 1 dispensa, 1 biblioteca, 1 sala de vídeo, 1 secretaria e 1 sala de recursos. A segunda escola pública é composta por 1 gestora, 1 coordenadora, 3 cozinheiras, 10 docentes, 2 professores de apoio e 2 auxiliares de serviços gerais.

Em relação ao desenvolvimento da pesquisa proposta, foram escolhidos dois professores que serão chamados de P₁, P₂ para não expor os docentes entrevistados. Os citados são da rede pública, sendo uma com especialização em psicopedagogia, a outra sendo especialista em Educação Especial. Também uma coordenadora chamada de CP₁, sendo especialista em Gestão e Coordenação Pedagógica.

Com o ponto de vista de elencar esta pesquisa foi eleito a observação direta nas escolas campo de pesquisa e a entrevista semiestruturada para as análises necessárias do campo de pesquisa, pois a entrevista permite ao pesquisador um olhar analítico de forma minuciosa e coesa para a melhor investigação do estudo. Desta forma José filho, (2006, p.64) faz imprescindível destacar que “O ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”, logo, o uso desse instrumento científico oferece uma melhor definição a respeito do problema.

Com base nos autores citados acima é possível identificar que a entrevista é uma ferramenta de pesquisa de campo que permite uma captação imediata daquilo desejado na

investigação, neste sentido a verificação dos dados obtidos durante o trabalho de campo permite um olhar clínico por parte do investigador.

ANÁLISE DOS DADOS

A inclusão social veio para abranger todos aqueles que de alguma maneira foram separados da convivência social devido às suas condições, essa reparação vem de forma humanista com uma visão mais particular sobre a diversidade que nos sucede, a temática da inclusão é um compromisso não apenas com as crianças neurotípicas mas com a minoria. Essa abordagem tem beneficiado cada vez mais o bom funcionamento da sociedade, neste sentido surge as seguintes questões: **Quais os desafios da inclusão da criança microcefálica nos anos iniciais do Ensino Fundamental?**

SUJEITOS	RESPOSTAS
EM - P ₁	A falta de uma conscientização, palestra ou vistoria que possa acabar com a prática do bullying, pois essa função fica apenas com o professor sendo que o preconceito vai além da sala de aula.
EM - P ₂	A falta de um direcionamento em como lidar com o aluno microcefálico, como quais atividades se deve trabalhar ou como cuidar dessa criança.
EM - CP ₁	A Princípio a falta da colaboração do governo que fornece uma estrutura para receber esses alunos, existe uma dificuldade muito grande quando o assunto é uma estrutura nova, além da dificuldade de uma comunicação e participação da comunidade.

2083

Tabela 1: Respostas dos professores.

Observa-se que para o P₁ e P₂ ainda existe uma certa angustia por parte dos professores por se sentirem solitários nesse processo de inclusão, pois o professor sente essa cobrança interior de querer dar o melhor conforto e experiência que essa criança possa ter no ambiente escolar, além da falta de estrutura citada por CP₁ que é uma das principais causas do afastamento do aluno microcefálico da escola. Sendo assim, Carvalho, (2006, p.12) diz que “A inclusão significa que não é o aluno que se molda ou se adapta à escola, mas a escola consciente de sua função coloca-se à disposição do aluno”.

Desta forma, observa-se que a inclusão vai além de apenas trazer o aluno para dentro da sala de aula, existem vários outros fatores que envolvem a inclusão que precisam andar em harmonia para que a inclusão possa de fato se sobressair. Dando continuidade a esse processo investigativo ressalta-se a seguinte questão: **A escola está preparada em suas áreas emocionais e administrativas para receber esses alunos? Explique.**

SUJEITOS	RESPOSTAS
EM - P1	Sim, a tática de conhecer o aluno de forma integral, o avaliando a cada ano que ele perpassa, observando o modo que ele interage, quais recursos chamou mais atenção dele é uma das formas de passar uma mensagem de carinho e acolhimento.
EM - P2	Há uma cautela ajuda muito grande quando se fala na cooperação de todos que formam o corpo docente em atender e observar essa criança.
EM - CP1	Se tem adaptações que foram feitas no projeto pedagógico para começarmos a atender melhor o aluno neuroatípico.

Tabela 2: Respostas dos professores.

De acordo com as respostas vimos que há resposta mais explícitas e outras menos mas ambas relatando de forma direta sobre os fatos que tornam a escola preparada para atender o aluno microcefálico, pois uma escola bem estruturada tanto emocionalmente como fisicamente traz condições para que se faça desenvolver a área socioemocional do estudante, essa reestruturação é indispensável para receber a criança, pois o processo de inclusão não está no fato do aluno estar matriculado naquele ambiente, mas de poder participar dele como um todo. (Cunha, 2015, p.69).

No entanto, o que tem se observado ainda são escolas ausentes de recursos que são de extrema importância para a habitação desse aluno na escola. Dando sequência frisa-se a questão: **A escola já recebeu alunos microcefálicos? Como está acontecendo o processo de inclusão?**

SUJEITOS	RESPOSTAS
EM - P1	Sim, tem sido desafiador visto que é uma demanda muito grande que vem para o professor, mas na medida do possível sempre criamos brincadeiras ou atividades que os demais alunos possam está interagindo com ele.

EM - P ₂	O corpo docente tem se empenhado bastante para criar um ambiente prazeroso, todos conhecem a fundo o aluno e todos os colegas de outras turmas gostam de brincar com ele, isso é um ponto positivo que a parceria traz.
EM - CP ₁	Sim, é uma demanda muito grande, mas estamos sempre buscando meios de mudar algumas práticas para melhor atende-lo a fim de suprir algumas lacunas de recursos materiais que ainda estão em falta.

Tabela 3: Respostas dos professores.

Para P₁ e P₂ o processo de inclusão se dá por essa cooperação que existe entre o corpo docente, além de estratégias lúdicas que possam colocar o aluno no meio do processo de aprendizagem, também começando por mudanças como cita CP₁ na instituição escolar. Desta forma, Strieder e Zimmermann (2000, p.145) indaga que “fazer inclusão significa desejar e realizar mudanças profundas em termos de concepções e práticas educacionais”. Essas novas propostas vão direcionar melhor para o caminho da inclusão apesar de ocorrer alguns impasses como a oferta de recursos especializados a tomada de atitudes em prol dessa criança vai fazer total diferença na sociedade. Sendo assim, surge a seguinte pergunta: **O que o corpo docente tem feito para o processo de ensino aprendizagem? Justifique.**

2085

SUJEITOS	RESPOSTAS
EM - P ₁	Primeiramente estabelecer um vínculo com aquele aluno mostrando que ele também faz parte do processo de aprendizagem, além do envolvimento de todos que compõem o corpo docente para ele se sentir acolhido.
EM - P ₂	Há mudanças feitas na prática pedagógica, pois a forma de avaliar será diferente, as atividades serão diferentes e os materiais utilizados em sala necessitarão de algumas adaptações para que o aluno também possa participar.
EM - CP ₁	Se tem adaptações que foram feitas no projeto pedagógico para começarmos a atender melhor o aluno neuroatípico, no entanto ainda existe complicações de acesso quando se fala em materiais e alguns pontos que estão com falta de estrutura.

Tabela 4: Respostas dos professores.

Em virtude das entrevistas P₁ e P₂ da EP, esse processo de aprendizagem precisa ser um dos pilares da atuação da gestão juntamente com o professor, o investimento em novas técnicas de aprendizagem para com o aluno atípico traz consigo benefícios que serão observados conforme as etapas que o aluno passar. De acordo com Silva e Neto (2010, p.12) “A aprendizagem é o processo cognitivo através do qual a pessoa adquire conhecimentos e se torna capaz de interagir com o mundo”. O acompanhamento contínuo desse aluno desempenha novos modelos de aprendizagem baseados no perfil do estudante além de dar uma boa reputação para a instituição.

Ademais essa parceria citada por P₁ como um dos fundamentos para ser exemplo para as outras crianças, mostrar que todos estão envolvidos no processo de inclusão fará com que a comunidade comece a enxergar cada vez mais as oportunidades que os alunos neurotípicos tem para permanecer na escola, contudo a questão da estrutura citada por CP₁ necessita de um debate e discussão maior por parte do governo, uma vez que não disponibiliza para as escolas os materiais necessários para o uso do aluno microcefálico. Dando continuidade, destaca-se a seguinte questão: **A escola oferece formações para receber esses alunos microcefálico?**

SUJEITOS	RESPOSTAS
EM - P ₁	Por ter um percentual muito pequeno a questão da formação fica um pouco a desejar no que se refere a questão da microcefalia, houve algumas formações no começo do ano.
EM - P ₂	A formação continuada na o se amplia quando o assunto é quais estratégias ter para lidar com a microcefalia, geralmente se objetiva mais no conceito.
EM - CP ₁	A formação continuada é algo essencial para todos os profissionais de qualquer área, no momento a oferta de formação continuada tem sido bem explorada.

2086

Tabela 5: Respostas dos professores.

Diante das respostas, percebe-se que CP₁ respondeu positivamente sobre a questão da oferta de formações continuadas na instituição onde a mesma destaca que é algo bastante explorado nos encontros pedagógicos, pois ainda existem escolas que desejam promover informações de qualidade. No entanto, P₁ e P₂ enfatizam que apesar de existir temáticas pertinentes na Educação Especial a questão da microcefalia ainda é pouco abordada uma vez que se torna um assunto pouco falado ou vivenciado, pois Nóvoa, (1999, p.26) diz que “a

formação de professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no setor educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui se produz uma profissão". Desta forma, na atualidade há diversas formas de se chegar ao conhecimento independente de sua instituição como cursos on-line, palestras e afins sempre em busca desse aperfeiçoamento constante para melhor atuar na área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa investigou os desafios enfrentados para a inclusão da criança com microcefalia nos anos iniciais do Ensino Fundamental do município de Escada-PE. Desta forma, temos como resultado que o envolvimento e compromisso da gestão e professor na construção da criança gera uma maior satisfação por parte do aluno onde o mesmo se sentirá acolhido como também, chamar a atenção da sociedade para as causas em prol ao microcefálico. Por meio desse trabalho em equipe que haverá uma mudança na forma de enxergar a inclusão pensando não apenas em tê-la, mas em o que fazer para tê-la. A hipótese foi confirmada com base nos dados da pesquisa que apontaram que a ausência da gestão pedagógica e a falta de formação continuada tem interferido no processo de inclusão da criança microcefálica nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

2087

Desta forma, percebe-se que a introdução de uma gestão democrática e proativa faz total diferença no ambiente escolar uma vez que tem como principal objetivo agradar o aluno e não para fins políticos, logo, a gestão necessita sempre estar em busca de melhorias para a sua escola estando preparados para receber e lidar com qualquer divergência que venha a aparecer. Além disso, o profissional que deseja atuar na área da Educação Especial também necessita buscar sempre o novo conhecimento sobre as novas temáticas que chegam na educação, o hábito de sempre buscar o melhor beneficiará não só o professor como o seu aluno que irá desfrutar da melhor aprendizagem.

Sendo assim, sugere-se a divulgação deste trabalho nas escolas pesquisadas na perspectiva de poder contribuir para a valorização da inclusão do aluno microcefálico na escola, além de proporcionar a melhor aprendizagem através da qualificação.

Com base nos estudos fica claro que esta pesquisa não está conclusa, precisa que outros pesquisadores deem continuidade a este estudo, contudo, enquanto pesquisador estaremos levando este resultado para a escola campo de pesquisa com intuito de elencar os resultados das escolas entrevistadas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marciliana Baptista; et al. **Breve Histórico da Educação Inclusiva e Algumas Políticas de Inclusão:** um olhar para as escolas em juiz de fora. Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery. Juiz de Fora: N. 16, 2019. 23 nov. 2019.

BARBOSA, Ana Paula; et al. **Transtorno Desafiador Opositivo:** desafios e possibilidades. Batatais: v.7, n.2, 2017. 21 p. Disponível em: [file:///C:/Users/Notebook/Downloads/sumario9%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Notebook/Downloads/sumario9%20(2).pdf). Acesso em: 18 dez. 2021.

BERODT, E. D. **Microcefalia.** 2013. Disponível em: <http://www.compartireducacionespecial.org>. Acesso em: 11/09/2024.

BLANCO, Rosa. **Implicações Educativas do Aprendizado na Diversidade.** Revista Gestão em Rede, ago. 2002.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 2013.

BRASIL. **Estatuto da pessoa com deficiência.** Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência [recurso eletrônico]: Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2007, Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2007.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** 2088

CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva:** com os pingos nos "is". 4. ed. Porto Alegre: Meditação, 2006.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso; GERALDI, João Wanderley. **Educação continuada:** a política da descontinuidade. Educação & Sociedade, 1999. Ano xx, n. 68, 202-219, dez. 1999.

Convenção da Organização dos Estados Americanos. **DECRETO Nº 3.956, DE 8 DE OUTUBRO DE 2001.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/guatemala.pdf>. Acesso em: 08/09/2024.

CUNHA, M. S. **Ensino da língua portuguesa na perspectiva da inclusão do aluno cego no nível fundo-mental.** 2015. 13 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós Graduação em Educação Universidade Federal de Sergipe. 2015.

ISAMBERT-JAMATI, V. **O apelo à noção de competência.** Revista L'Orientation Scolaire et Professionnelle. In: ROPÉ, F., TANGUY, L. (Orgs.). Saberes e competências: o uso de tais noções na escola e na empresa. Campinas: Papirus, p. 103-133, 1997.

JOSÉ FILHO, M. **Pesquisas:** contornos no processo educativo. Franca: Unesp FHDSS, 2006.

NÓVOA, A. **O passado e o presente dos professores.** In A. Nóvoa (Org.), *Profissão professor* (pp. 13-21). Porto: Porto Editora, 1999.

SILVA, D. M.; NETO, J. D. O. **O Impacto dos Estilos de Aprendizagem no Ensino de Contabilidade.** *Contabilidade Vista & Revista*, v. 21, n. 4, p. 123-156, 2010.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e. **Pobreza, desigualdade e política pública:** caracterizando e problematizando a realidade brasileira. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 13, n. 2, jul.dez. 2010.

STOBAUS, C.D; MOSQUEIRA, J. J. M. (Orgs). **Educação Especial:** em direção a Educação Inclusiva. 2 Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

STRIEDER, Roque. Zimmermann, Rose Laura Gross. **A inclusão escolar e os desafios da aprendizagem.** 2010. Disponível em: https://app.utp.br/cadernosdepesquisa/pdfs/cad_pesq10_a_inclusao_cpt10.pdf. Acesso em: 10/09/2024.

UNESCO. **Declaração de Salamanca:** Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca- Espanha, 1994.

VILLACHAN-LYRA, P. e ALMEIDA, Eliana. **Síndrome Congênita do Vírus da Zika, microcefalia e outras alterações do neurodesenvolvimento:** guia prático para profissionais de educação. Curitiba: Editora Appris. (no prelo). 2019.